

ATÉ MANAUS

Do Rio e Belém a Panair nos dá, em uma reta de seis horas e quinze, o conforto perfeito de um Constellation. Jogamos uma lenta partida de "buraco" enquanto lá em baixo, nos sertões tristes de Minas, Bahia, Goiás ou Maranhão, as queimadas de agosto abrem rosas rubras no fundo da noite. Parece que o Brasil está pegando fogo; estão incendiando um continente. Mas logo aprenderemos que o mundo é feito principalmente de água: de Belém para oeste a Panair sacrifica o conforto pela segurança: cavalgamos um Catalina anfíbio, o avião mais mal feito de corpo que já se inventou no mundo, feito como uma lhama voadora. E como às vezes pousamos na água, às vezes em terra, o passageiro tem sempre o recelo sutil de que o piloto, distraído, desça as rodas no lugar do barquinho, ou vice-versa.

É Waldemar Bombonatti, procurador do Acre no Rio, o mais amável e mal informado de todos os guias do mundo, que nos comanda nessa jornada feita a convite do governador do Território. Aqui estão Aluizio Accioly, Flávio Maranhão, Arnaldo Pedrosa d'Horta, Armando Nogueira e este vosso servo inútil; acompanha-nos o engenheiro Francisco Saturnino de Brito, técnico em caça e pesca. Em Manaus embarcará uma jovem Denise, diretora da revista "Sintonia" e o jornalista Herculano Castro Costa, um homem extremamente calado e triste. Entre o panema Herculano e o marupiá Chico Brito navegaremos florestas e rios imensos. Mas antes passamos uma noite branca em Belém, onde o governador, gentil, manda nos receber, abraçamos dois colegas da "Folha do Norte" e um estóico representante do Território nos escolta pela "boite" refrigerada do Grande Hotel, através das ruas ensombradas de mangueiras, até o tucupi do restaurante da Condor, e outros meandros, e nos suporta seis horas pela madrugada para desmamar, exausto, no momento em que o avião parte.

Em Manaus, além do representante do Governador, somos recebidos pelos colegas de imprensa (há seis jornais diários) que nos dão de beber e de comer. E que seja louvado esse amazonense que enriqueceu no Sul mas se lembrou da terra para levantar em Manaus um hotel de primeira classe, com o melhor conforto e ainda por cima o bom gosto da decoração de Burlie Marx.

Por mais milagroso que seja, esse hotel cafo, a 1.300 quilômetros do litoral, já não dá mais prejuízo. É isso o que me informa um industrial e comerciante da terra entre dois uísques, no terraço banhado pela brisa, antes de descermos para o "Mandy's Bar", refrigerado, de onde se divisam macacos e araras vivos. E explica que o amazonense é gastador, gosta de consumir o que é bom, a empregada gasta o ordenado inteiro em um dia para comprar um sapato bonito como o da patroa. E ilustra a piroquetagem econômica desse povo cuja riqueza vive aos altos e baixos com a história de umas cadeiras que está fabricando. Com uns restos de madeira de sua serralha e algumas caboclinhas fez umas cadeiras e começou a vender a 60 cruzeiros com bom lucro. "Isso foi há uns meses atrás. Vendemos toda a produção e os pedidos eram incessantes. Então aumentei o preço para 80. Continuaram chovendo os pedidos. Aumentei para 100. Agora estou vendendo a 120 cruzeiros, já aumentei o número de operárias e continuo não podendo atender aos pedidos."

Tive vontade de perguntar se ele ia aumentar ainda mais o preço. E também de perguntar se ele, por acaso, se lembrara de aumentar o salário de suas caboclinhas. Mas o uísque era bom, a brisa era fresca e eu tive tédio ou vergonha de fazer perguntas àquele homem. Era, por acaso, um mineiro, chegado há anos ao Amazonas. Apenas eu não consegui deixar de me lembrar dele quando, a bordo do avião que partia, alguém me apontou, na foz do Rio Negro, a pequena ilha de Marapatá. Vocês conhecem a fama: dizem que o aventureiro que chega costuma deixar ali a sua consciência, antes de desembarcar em Manaus.

14/8/51 R.B.